

UM TRATAMENTO UNIFICADO DE GRAU PARA O QUANTIFICADOR FLUTUANTE E O INTENSIFICADOR *TODO*

por Helena da Silva Guerra Vicente (UnB) e Ana Paula Quadros Gomes (UFRJ)

RESUMO

Todo (PB) vem sendo analisado ora como quantificador universal distributivo, ora como quantificador flutuante ora como intensificador. Buscamos uma semântica e sintaxe unificadoras. Propomos que, sintaticamente, todo está no especificador de um sintagma de grau, dominando imediatamente um nó bifurcado contendo um predicador e seu argumento. Semanticamente, todo leva essa relação ao grau máximo. Todo não faz parte de um sintagma nominal (contra Sportiche, 1988). Todo não é adjunto (contra Bobaljik, 1998). Todo sequer flutua. É um modificador sentencial disfarçado de determinante (nos termos de Kratzer, 2005), exercendo, no domínio nominal (D-quantificação) e no verbal (A-quantificação), funções aparentemente desconexas.

PALAVRAS-CHAVE: Quantificação sentencial; quantificação nominal; flutuação; intensificador; todo

INTRODUÇÃO: HÁ DOIS ITENS TODO DESLIGADOS UM DO OUTRO?

Neste artigo, defenderemos que o item lexical todo sempre marca uma relação entre um argumento e seu predicador como uma saturação em grau máximo. Nosso objetivo é colocar em cheque a visão de que a língua portuguesa conta com dois itens homófonos, um todo que distribui a predicação verbal pela extensão de seu argumento nominal, como em “toda a classe compareceu hoje”, e outro que intensifica a predicação do adjetivo sobre seu argumento, como em “o menino está todo triste”. Defenderemos que todo pode ser tratado como um único operador semântico, que atua sempre como modificador numa relação de saturação entre um predicador, seja de natureza adjetival ou verbal, e um argumento semanticamente selecionado por esse predicador. Do ponto de vista sintático, proporemos que todo é sempre gerado na mesma posição de base, como especificador de um sintagma de grau (DegP, em inglês), que tem por núcleo um operador de grau não pronunciado (*d*) e que toma por complemento um nó bifurcado, contendo, num ramo, o argumento nominal, e, no outro, o predicador que o selecionou. Todo sempre marca a relação de saturação do predicador pelo argumento com o grau máximo. Nossa posição é inconciliável com o tratamento cindido de todo, ora como um determinante ou quantificador nominal, ora como um intensificador que modifica adjetivos, que aparece nas gramáticas tradicionais do português. Essa posição oferece uma nova possibilidade de resposta para uma pergunta condutora de linha pesquisa, lançada por Kratzer (2004), com base em Partee, sobre a verdadeira natureza de certos itens, tidos como determinantes / quantificadores nominais mas que podem ser modificadores nominais disfarçados. Segundo nossa análise, todo não pode ser descrito nem como um A-quantifier clássico (não é um adjunto, não modifica sintagmas verbais) nem como

um D-quantifier (um determinante, um operador sobre denotações nominais), pois é um modificador de relações sentenciais de predicção. Se todo puder ser visto como um A-quantifier, é do tipo “Ajustador de Estrutura-Argumental”, ajustando o grau de saturação do predicador pelo argumento para máximo. Isso implica a necessidade de revogar a visão tradicional sobre as categorias lexicais: a classificação em quantificador ou intensificador não só não cabe, como a divisão em classes não ajuda em nada a análise sintática e semântica das línguas naturais, gerando uma ilusão de ordem e compartimentação que só dificulta que se enxergue um fenômeno em sua integralidade.

Ao par com all e both, todo tem sido tratado como um quantificador distributivo universal flutuante (Negrao 2002; Vicente 2006; e Lacerda Ferreira, 2012). Nesse viés, a grande disputa teórica sobre o fenômeno de Quantifier Floating (Q-float) se situa entre duas abordagens clássicas. Numa, um quantificador flutuante como todo está sintaticamente associado ao nominal com que concorda (Sportiche, 1988; Shlonsky, 1991; Bošković, 2004); todo e o nominal com que concorda são gerados em adjacência, e pode ocorrer que apenas um deles se mova, deixando o outro na posição mais baixa. A outra abordagem clássica dá aos quantificadores flutuantes um estatuto adverbial, de adjunto, com esses elementos gerados diretamente na posição em que ocorrem (Bobaljik, 1995; Baltin, 1995). Há ainda autores que defendem que as duas análises são necessárias, apostando numa ambiguidade estrutural para quantificadores flutuantes (Fitzpatrick, 2006, Cirillo, 2009). Destaque-se o fato de que, uma vez assumida a ambiguidade estrutural, surge dificuldade em decidir se a melhor análise sintática é colocar o Q-float como especificador de uma projeção dedicada ou como adjunto do nome com que concorda.

O outro todo, homófono ao quantificador universal distributivo flutuante, é o advérbio intensificador (sinônimo de muito), que aumenta o grau em que o adjetivo se aplica ao seu argumento nominal, como em “ela ficou toda orgulhosa”, em que a o grau de convencimento é maior do que o de “ela ficou orgulhosa”. O tratamento tradicional de intensificadores não vê todo como exemplar; muito (‘muito orgulhosa’) é o prototípico. Para eliminar a ideia de que todo seja um caso à parte, convém lembrar que muito também é apresentado tradicionalmente como três itens homófonos, um funcionando como intensificador (“Maria é muito bonita”), outro como advérbio comum (“Bebi muito”), e outro ainda como determinante (“Muitos alunos faltaram hoje”). Também não é privilégio da língua portuguesa essa aparente flutuação categorial de um item entre os papéis de quantificador/determinante (D-quantifier) e os de intensificador (A-quantifier); em artigo de 2007, John R. Rickford, Isabelle Buchstaller, Thomas Wasow e Arnold Zwicky, apontam que é comum o emprego intensificador de ‘all’, apresentando, entre outros, os seguintes exemplos:

(1) *My mom is all mad at me* [Jerry Scott and Jim Borgman, “Zits” – comic strip – King Features, Aug., 30, 2005]

(2) *Do you feel all goofy?* [Waksler, 2001, p.129]

E não se trata de uma modernidade. Esses autores afirmam que all intensificador já existia no inglês antigo, citando dados de 1974 (“*of him-self he wex al sad*”); e dizem que os primeiros registros de all quantificador (como em “*all the birds flew away*”) remetem ao Protogermânico. Eles também apontam sentenças do inglês como (3), com duas leituras, uma típica do intensificador (3a), e outra típica do quantificador (3b):

(3) *The players were all sexy.*

(3a) ‘*All the players were sexy*’ [Quant-float: Adj all = ‘every’; modifies the subject]¹

(3b) ‘*The players were totally sexy*’ [Adv = ‘completely’; modifies the adjectival head]²

Portanto, não se trata de exotismo da língua portuguesa, de uma idiossincrasia de todo nem de fato recente que um mesmo item lexical atue como pertencendo a duas categorias de palavras distintas. Não é um caso isolado. A mesma ambiguidade é observável em português:

(4) Os avós estão todos bobos [com o nascimento do neto].

(4a) ‘Todos os avós estão bobos’. [Q-float: todo = ‘cada’ — ‘cada avô está bobo’/ ‘ambos os avós estão bobos’: opera sobre o sintagma nominal sujeito]

(4b) ‘Os avós estão completamente bobos’ [Adv = ‘inteiramente’; opera sobre o núcleo do sintagma adjetival]

As observações entre chaves são propositalmente paralelas às dos exemplos em (3); convém assinalar que (4) pode ser interpretado como (4a) ou como (4b), sem que se possa dizer com segurança, a esta altura, que estamos diante de duas estruturas sintáticas distintas. Observe-se que todo Q-float pode ser colocado em lugares diversos da sentença, (5a,b,c), mantendo a interpretação de (4a):³

(5a) ‘Todos os avós estão bobos’ (= 4a)

(5b) ‘Os avós todos estão bobos’ (= 4a)

(5c) ‘Os avós estão todos bobos’ (= 4a)

Note-se, porém, que, no momento em que todo deixa a posição imediatamente anterior ao adjetivo (a ocupada em (4) e (5c)), perde-se a interpretação de (4b), indisponível tanto para (5a) quanto para (5b), a saber, a interpretação de que a bobice dos avós é grande, ou seja, de que eles estão não apenas um pouco, mas completamente bobos pelo neto. A ambiguidade entre a interpretação D-quantifier (Q-float) e a A-quantifier (intensificador), ilustrada em (3), para o inglês, e em (4), para o português, é indissociável da estrita adjacência entre todo e o adjetivo. Para dar conta dos dados, será preciso explicar porque não é possível desfazer a ambiguidade nessa configuração sintática particular; e, ainda, por que, nas demais configurações do Q-float, a leitura de intensificação (e, portanto, a ambiguidade) desaparece. Assim, neste ponto, simplesmente assumir uma ambiguidade estrutural, com uma estrutura correspondente ao Q-float e outra correspondente ao ‘advérbio’, parece uma postura fadada ao fracasso.

Dada a falta de base histórica que sustente tratar-se de polissemia ou de itens lexicais homófonos, exercendo funções diferentes; e dada a dificuldade para tratar dados do tipo de (5a) como um caso de ambiguidade estrutural, parece-nos indicado explorar a hipótese de que se trate de item lexical

1. Quant-float (ou Q float) significa “quantificador flutuante”; Adj. está por “adjetivo”; ‘all’ pode ser substituído por ‘every’, pois modifica o sujeito.

2. Adv está por advérbio; ‘all’ pode ser substituído por ‘completely’, pois está modificando o núcleo do Sintagma Adjetival.

3. Há diferenças semântico-discursivas associadas à posição de ‘todo’ quanto ao nominal com que concorda — cf. Quadros Gomes 2010 —, mas elas são irrelevantes aqui; o que queremos salientar é que as três sentenças (5) podem ser interpretadas como distribuindo a predicação sobre cada parte constituinte do grupo de avós: é verdade que cada um dos avós desse grupo está bobo pelo neto.

único, numa mesma configuração sintática em (3) e (4). Investigar que configuração sintática é essa e como ela corresponde a uma das várias possibilidades do Q-float e à única do intensificador pode ser esclarecedor. É o que faremos daqui em diante, assumindo a hipótese de que todo é gerado em uma das posições possíveis para o Q-float, e as demais são produzidas por movimento; e de que a posição em (4) é a única possível para a intensificação, pelas mesmas razões pelas quais todo/all quantificador universal distributivo, quando toma por argumento nomes nus, não pode sair da estrita adjacência do seu argumento nominal, como vemos em (6/7):

(6) *All fishes swim. / *Fishes all swim. / *Fishes swim all.*

(7) *Todo peixe nada. / *Peixe todo nada. / *Peixe nada todo.*

Se o sintagma nominal estiver determinado, a adjacência pode ser rompida:

(6a) *All the fishes swim. / The fishes all swim.*

(7a) *Todos os peixes nadam. / Os peixes todos nadam.*

Nos exemplos (6) e (7), todo e all são considerados quantificadores nominais, mas não há flutuação. O contraste entre (6,7) e (6a,7a) mostra que a flutuação não separa a D-quantificação da A-quantificação, visto que a imobilidade de todo/all do A-quantificador também é encontrada em todo/all Q-quantificador. Assumiremos que a flutuação não pode prescindir da semântica do artigo definido, o qual forma um sintagma nominal que vem a ser uma expressão quantificada, denotando a soma máxima daquele predicado nominal no domínio (segundo Link, 1983), ou seja, a maior molécula (i-sum) do reticulado na extensão do nome no domínio da situação a que a sentença se refere. Sintagmas nominais quantificados estão ancorados numa situação e são + argumentais; por isso, podem mover-se. A marcação de grau máximo só se dá localmente, o que requer adjacência restrita. Todo marca indiferentemente nós contendo nominais nus, que são +pred, mas apenas funcionam como argumento em condições limitadas (na posição de sujeito, só em sentenças genéricas, mas não em episódicas (cf. Muller, 2001)); e nós contendo sintagmas de determinante; só este último tipo pode se mover (cf. Muller & Viotti, 2003)). Logo, se a interpretação de D-quantifier é a única associada a (6) e (7), apesar de não haver flutuação, e, se é o Sintagma Determinante que se move, a mobilidade (ou imobilidade) de todo não define a fronteira entre D-quantifier e A-quantifier.

Está aberto o caminho para explorarmos a hipótese de que um único item lexical todo, que sempre faz a mesma operação, confira o grau máximo a uma relação predicativa (um tipo especial de expressão de grau), e de que ele ocupe sempre a mesma posição estrutural de base.

1. O POMO DA DISCÓRDIA NA ANÁLISE DOS MODIFICADORES DE GRAUS

É interessante notar que, tal como os quantificadores flutuantes, também as expressões de grau têm recebido análises de linhas à primeira vista inconciliáveis, uma quantificacional e a outra, não quantificacional, e sim modificacional. Portanto, assim como para os quantificadores flutuantes, também quanto à análise das expressões de grau podemos apontar duas correntes centrais. Uma coloca a camada funcional Sintagma de Grau (DegQ ou SG), como parte interna do Sintagma de Adjetivo (SA), tratando semanticamente essa camada como quantificacional. Uma representante dessa corrente é Heim (2001), para quem o núcleo do Sintagma de Grau (Deg, g) é um Determinante de graus, e DegP é um quantificador generalizado (Generalized Quantifier, GQ) operando sobre

graus que servem de primeiro argumento do adjetivo graduável ou de grau, e o adjetivo em si é tratado como um função de graus a propriedades de indivíduos. A outra análise popular, representada por Kennedy (1999), coloca o sintagma adjetival como interno ao DegQ, o qual já não é visto como quantificacional, mas como um modificador: semanticamente, nessa conta, o adjetivo de grau é uma função de indivíduos a graus, e o núcleo do sintagma de grau é uma função de adjetivos de grau a um tipo (ou categoria lexical, se quisermos fazer a correspondência com a morfologia tradicional, presente nas gramáticas da tradição) não-determinado de antemão, variando conforme a natureza do constituinte subordinado, que pode ser oracional ou não.

Em outras palavras, aí reside o cerne da diáspora na análise de all ou todo: a análise quantificacional assume que todo se compõe com um nominal, como ‘os linguistas’, em ‘todos os linguistas concordam’; porém, ao considerar ‘João está todo confuso’, a tradição lança mão da análise modificacional, isso porque agora um adjetivo de grau está sob o escopo de todo. Essa divisão em duas correntes na literatura sobre as expressões de grau espelha a divisão em dois tratamentos diversos da literatura sobre quantificadores flutuantes. Mas, considerando que all/todo D-quantifier aceita tanto nomes nus quanto descrições definidas, e que esses nominais, indistintamente, são argumentos selecionados por um predicador sentencial primário — em (7), o argumento de ‘nadar’ é o nome nu ‘peixe’; em (7b), o argumento de ‘nadar’ é o SD ‘os peixes’ —, somos levados a repensar essa questão.

Nem a análise quantificacional nem a modificacional dão conta de pronto de dados como “All water is liquid” (Link, 1983), ou “Todo homem é mortal”, pois temos um predicado sob o escopo de all / todo: o nome nu massivo do inglês, *water*, e o nome nu sem número do PB, *homem*, têm sido vistos como predicados, e não como argumentos clássicos, tais como sintagmas de determinante; eles não podem ser sujeitos de sentenças episódicas, o que indica que todo e all não são determinantes, fato que conduziu Brisson (2008) a tratar all como modificador. Entretanto, não ficou resolvido como a sintaxe e a semântica de todo / all com nomes nus poderiam ser unificadas com a dos mesmos elementos em “João está todo confuso” ou “Mary is all sad”. Ao tratar de all / todo Q-float, os sintaticistas têm recortado o domínio da quantificação de modo a não incluir os nomes nus; ao tratar de all / todo modificador, os semanticistas têm ignorado as interpretações em que se marca a distribuição do predicado pelo sintagma nominal, como ocorre em (6,7, 6a e 7a).

É fácil ver qual é a dificuldade em dar uma semântica e uma sintaxe unificadas a tais elementos; por outro lado, é notável a existência, em mais de uma língua, de um mesmo item lexical com função de quantificador e de modificador. Também salta aos olhos a similaridade da disputa que divide tanto os linguistas que estudam quantificação quanto aqueles que estudam a modificação. Há sempre a complicação, presente já na gramática tradicional, de ter de solucionar o fato de que tais itens lexicais operam sobre coisas tão distintas quanto adjetivos, nomes nus e sintagmas de determinantes.

Mencionamos que tanto os intensificadores, que ficam na camada funcional do adjetivo, quanto os quantificadores são objeto de duas análises populares concorrentes, em decorrência da dificuldade de lhes dar uma análise unificada, pois se comportam como os determinantes em alguns pontos e como os adjuntos em outros. Tem sido debatido se são especificadores ou núcleos, posições intermediárias ou máximas. Uma outra questão, indissociável, é a natureza da relação estrutural: mesmo que se assuma que DegP é interno ao Sintagma de Adjetivo, não é unânime a decisão sobre o DegP ser um adjunto ou um argumento do adjetivo.

Visto que a posição de todo “intensificador” é fixa, nossa estratégia é fazer sua análise, para depois propormos estendê-la ao todo quantificador universal distributivo, flutuante ou não. Para tanto, será preciso assumir uma teoria sobre as expressões de graus.

2. O DOMÍNIO FUNCIONAL DO ADJETIVO DE GRAU

É fato que nem todos os adjetivos podem ser intensificados (**uma polícia muito civil* versus *uma polícia muito corrupta*). Os adjetivos de grau distinguem-se dos demais sintaticamente por projetarem, acima da sua projeção lexical, uma camada funcional que têm por núcleo um grau (*degree*); esse núcleo toma como complemento o adjetivo de grau, e como especificador um intensificador (Abney, 1987; Corver, 1997; Kennedy, 1999). Por isso, adjetivos sem grau não podem receber intensificação (**um aparelho muito elétrico*): não havendo a camada funcional acima do adjetivo, não há como alojar o modificador de grau. Além disso, do ponto de vista semântico, todos os adjetivos de grau são relacionais, isto é, relacionam, por comparação, dois graus.

É importante frisar o fato de que um adjetivo de grau é um termo relacional: embora só sejam pronunciados dois itens, o adjetivo e o argumento nominal com que ele concorda, um segmento como “a mesa larga” contém estruturalmente mais coisas, camadas funcionais que permitem relacionar o grau da mesa a que se refere à descrição definida ao grau de um parâmetro que será definido pelo contexto (daí a vagueza, isto é, a oscilação nos juízos de verdade de sentenças com adjetivos de grau: se cada falante assumir um parâmetro distinto, a natureza da relação pode variar). Sintagmas Adjetivais de Grau denotam certa relação de ordem entre dois graus; por isso, esses adjetivos projetam camadas funcionais que os outros adjetivos não projetam (Abney 1987, Corver 1997, Kennedy 1999, Doetjes 1997). Os advérbios intensificadores são alojados nessa camada, em geral como especificadores do núcleo de grau. Sua presença altera a natureza da relação entre os graus requerida pelo sintagma adjetival, que ocupa o complemento do núcleo de grau. Por exemplo, a mesa de 1,5m de LARGURA será larga, mas não muito larga, se o parâmetro for uma mesa de 1,3m. Porém, se a comparação se der com uma mesa de 90cm, não haverá dúvidas em considerar muito larga a mesa de 1,5m. ‘Muito’ modifica a relação entre os graus requerida pelo adjetivo, acrescentando uma nova exigência: a de que o intervalo entre os graus comparados seja grande.

A semântica de graus trata os intensificadores como operando sobre a natureza de uma relação. Tecnicamente, o adjetivo em si (‘larga’) introduz apenas a ligação de seu argumento (‘a mesa’) ao grau que lhe acabe na escala relevante (o ponto correspondente a 1,5m na escala de LARGURA). A relação de comparação é introduzida por um operador nulo chamado de *pos* (abreviação do termo “positive”). *Pos* ocupa o núcleo da projeção funcional de grau (também nomeado *d*, de “degree”, ou *g*, de grau). A função desse morfema de grau não-pronunciado é relacionar o grau do argumento do adjetivo aos padrões de comparação na forma apropriada. *Pos* introduz a relação entre os dois graus comparados, requerendo certa ordem entre esses dois graus. A ordem particular que será requerida varia conforme o adjetivo que se compõe com *pos*. Voltando a falar da nossa mesa de 1,5m, temos que, para a verdade de ‘a mesa é larga’, *pos* funciona como ‘mais’ em ‘a mesa é mais larga que o parâmetro de comparação’, requerendo que o grau de LARGURA da mesa seja o maior entre os dois comparados. Para a verdade de ‘a mesa é estreita’, *pos* funciona como ‘menos’ em ‘a mesa é menos larga que o parâmetro de comparação’, requerendo que o grau de LARGURA da mesa seja o menor entre os dois comparados. Nos dois casos, a escala é a de LARGURA, e o grau da mesa é fixo (aquele que significa 1,5m). O parâmetro, no caso de adjetivos como ‘largo’ e ‘estreito’, vem do contexto, como já foi dito. No caso de um adjetivo como ‘cheio’, o parâmetro de comparação é dado pela capacidade máxima de ocupação do recipiente; em ‘o copo está cheio’, o grau de OCUPAÇÃO do copo por seu conteúdo tem de ser igual ao grau do parâmetro; nesse caso, *pos* introduz entre os graus comparados a mesma relação de ‘tão’, em “o copo está tão cheio como o parâmetro de comparação”.

Retomando, os adjetivos de grau são predicados que projetam seus argumentos numa projeção funcional que tem por núcleo uma representação abstrata de medição, o grau; o grau é um ponto (ou

intervalo) numa escala. Imaginemos, por concretude, algo assim como a marca de 2cm (ou o intervalo que vai de 1cm a 2cm) numa régua de metros. A escala é uma ordenação lógica, por grandeza, de graus ao longo da dimensão informada pelo significado do adjetivo – por exemplo, largo remete à escala de LARGURA. Uma expressão de graus define uma relação entre graus numa escala. O adjetivo em si apenas caracteriza o nome, denotando uma relação entre seu argumento e um grau numa escala. Por exemplo, em mesa larga, o adjetivo associa a mesa ao grau correspondente à sua largura (digamos, 1,5m). Há esse operador não pronunciado chamado de *pos* (Kennedy 1999) que define a ordem necessária entre o grau associado ao argumento do adjetivo e o grau de um parâmetro de comparação que não precisa ser expresso, mas que pode ser inferido pelo contexto. Vimos que o fato de a mesa medir 1,5m não define por si se ela será larga ou estreita. Ela será larga, se comparada a objetos com menor grau de LARGURA, como, por exemplo, a uma mesa de 1,3 m. Mas a mesma mesa de 1,5 m será estreita se comparada a uma de 2,5 m de LARGURA. Isso significa que os adjetivos de grau são relacionais: para julgar a verdade de uma predicação com adjetivo de grau, é preciso verificar se a relação de grandeza que a situação coloca entre o grau do argumento e o grau do parâmetro de comparação assumido é a requerida. Por exemplo, para ser julgado largo é preciso ter LARGURA maior que a do parâmetro; para ser julgado estreito, a ordem requerida é a inversa: é necessário que o argumento do adjetivo exiba um grau abaixo do grau de LARGURA exibido pelo parâmetro. Há uma relação específica entre os dois graus comparados que precisa ser observada para que a predicação por um adjetivo de grau seja julgada verdadeira, e essa relação é definida pelo operador não pronunciado *pos*, que ocupa o núcleo da camada funcional dos adjetivos de grau.

Logo, modificadores de grau (MG, daqui em diante, sigla de um nome mais transparente para a função desses itens lexicais que “intensificadores”) operam sobre um nó bifurcado que está sob o seu domínio: o nó que une o núcleo do sintagma de grau (doravante, SG) ao seu complemento, o sintagma adjetival (doravante, SA).

A saturação de graus é uma operação que requer localidade estrita. Por isso, a ordem linear não pode ser desfeita: nenhum item lexical pode intervir entre o MG e o SA (cf. *muito mesmo larga, *muito mesa larga etc.).⁴ Verifica-se em português que não há concordância de gênero e número entre o MG e o SA, mas apenas entre o SA e seu argumento nominal (cf. ‘sofá muito largo’, ‘portas muito largas’ etc.). Adotamos a estrutura em (8):

(8) [DegP [DegreeModifier **muito**] Deg' [Deg° *d* [AP **larga** XP]]]

A localidade estrita se aplica também a construções de grau, como as comparativas. No caso de “Esta mesa é muito mais larga que aquela”, “mais [que]” está no lugar de *d* e há localidade restrita, pois nada pode intervir entre o MG ‘muito’ e ‘mais que’. Também em exclamativas como “Hoje o dia está tão lindo!”, MGs como ‘tão’ não podem ser extraídos, porque não pode ser rompida a localidade estrita com o adjetivo (“Tão lindo o dia está hoje!”, mas *’Tão o dia está lindo hoje!’). A impossibilidade de extração revela a dependência da expressão de grau em relação ao adjetivo. A postulação da camada funcional cujo núcleo é o grau (Deg) dá conta desses fatos: a extração de

4. Agradecemos a um dos pareceristas anônimos da revista, por nos ter apontado a importância de comentarmos o fato de outro núcleo de grau, distinto de *pos*, poder aparecer entre o MG e o adjetivo (‘precisamos de uma mesa muito mais larga’, ‘esta mesa é bem menos larga’, ‘uma mesa tão mais larga é exagero’). Esse desdobramento na camada funcional da projeção sintática de grau é atribuído a Corver (1997). Entretanto, não vimos necessidade de distinguir entre os núcleos de grau neste artigo porque todo não aceita essa realização dupla: *‘ele está todo mais feliz hoje’./ *‘ele está todo menos feliz hoje’ (compare-se com ‘ele está muito/menos mais feliz hoje’). Como, ao tratar de todo, é indiferente a natureza desse núcleo de grau, daqui em diante o chamaremos genericamente de *d* (degree), para sermos neutros quanto a esse núcleo conter *pos* ou outro núcleo funcional de grau.

uma categoria nuclear para [Spec,CP] violaria o princípio de preservação de estrutura. Enfim, está bem estabelecido na literatura que, sempre que uma projeção de grau seleciona um predicado como complemento, como é o caso dos MGs, ao selecionarem SAs, a irmandade entre núcleo do SG e o material lexical no complemento não pode ser desfeita. Para muitos autores (Doetjes 1997, Grosu e Landman 1998), é nessa configuração de irmandade estrita que se marca grau.

Note-se que o argumento nominal do adjetivo ('a mesa', em 'a mesa muito larga') nasce como o XP de (8), mas, para chegarmos à ordem 'uma mesa muito larga' ou à de 'uma mesa é muito larga', o SN argumento do adjetivo precisa se mover. Isto é, qualquer análise de adjetivos assume que o seu argumento nominal pode ser extraído do sintagma em que é gerado, uma vez respeitadas as condições de definitude: só sintagmas de determinante podem subir para a posição de sujeito sentencial ou a de tópico, em PB (ver Viotti & Muller 2003); os nominais sem determinante só podem se movimentar internamente ao sintagma do determinante, indo para cima da projeção funcional do adjetivo (uma faixa larga, uma larga faixa), mas continuando abaixo do determinante (*faixa uma larga). Se a irmandade entre o MG e o SA não pode ser desfeita, prevê-se que o nominal com que o adjetivo concorda é quem se move.

Assumindo uma semântica e uma sintaxe uniformes para os adjetivos de grau, seria de esperar que todos os MGs se comportassem da mesma forma. Mas isso não acontece. Há uma notória distribuição complementar dos MGs em inglês, quanto aos adjetivos participiais que podem modificar. Por exemplo, do trio well, much e very, só o primeiro pode se combinar com acquainted, só o último pode modificar worried e apenas much pode modificar criticised. Para dar conta desses fatos, Kennedy & McNally (2005) postularam que as escalas associadas aos adjetivos de grau apresentam certa variedade em sua configuração lógica. Basicamente, a escala pode ser aberta, fechada apenas no grau mínimo, apenas no grau máximo ou em ambos. Assumindo essa variação, os autores mostraram que cada MG seleciona um tipo de escala: much e well modificam exclusivamente escalas fechadas, enquanto very modifica exclusivamente escalas abertas. Well seleciona escalas fechadas nos dois graus extremos, o máximo e o mínimo; much seleciona escalas fechadas no grau mínimo.

Segundo os autores, much só pode se combinar com adjetivos de escala fechada no grau mínimo (como criticised, por exemplo) porque o papel de much é amplificar, elevar o grau a que o argumento é mapeado na escala; e o grau máximo não pode ser aumentado. Então, embora para que alguém seja considerado criticised basta que esse alguém tenha sido alvo de um grau mínimo de crítica, para que alguém seja much criticised é preciso que tenha recebido um grau de crítica bem acima do mínimo.

Kennedy & McNally (2005) defendem que esses sabores de escala valem para todos os adjetivos de grau. As escalas abertas são exibidas pelos adjetivos de grau relativos, assim chamados porque a verdade da sentença muda conforme o parâmetro de comparação assumido, e a escolha desse parâmetro não sofre restrições. Por exemplo, João é alto, considerando que João mede 1,7m, será verdadeiro se o parâmetro for "para um jôquei", mas será falso se o parâmetro for "para um jogador de basquete". Alto exige apenas que o grau de ALTURA do seu argumento seja maior que o do parâmetro de comparação. As escalas fechadas, ao contrário, já trazem com elas os parâmetros de comparação cabíveis, que são certos estados possíveis do argumento do adjetivo. Por exemplo, será verdade da porta da geladeira que ela está fechada se ela estiver completamente encaixada no eletrodoméstico. Esse é o grau zero de ABERTURA. Se o estado da porta for diferente desse parâmetro, isto é, sempre que a porta estiver afastada da moldura, seja quanto for, não será verdade que ela está fechada. Nesse caso, ela estará aberta. Qualquer grau positivo de ABERTURA rende o adjetivo 'aberto' verdadeiro da porta da geladeira. O parâmetro de comparação é sempre o estado de encaixamento perfeito entre a porta e a caixa da geladeira. Temos aqui uma escala fechada no grau mínimo. Uma escala

fechada no grau máximo é a do adjetivo cheio. Um recipiente está cheio quando tem sua capacidade preenchida. Essa capacidade dá o limite, o grau máximo de OCUPAÇÃO a um recipiente: se 250ml forem colocados numa garrafa de 200ml, ela só vai reter os 200ml, e o resto do líquido vai derramar. Para que seja verdadeiro do copo que ele está cheio, será necessário que o grau de OCUPAÇÃO apresentado pelo seu conteúdo seja igual ao grau máximo da capacidade desse recipiente.

Há uma continuidade entre os estados não identificados com o grau mínimo ou com o máximo numa escala fechada num só grau: ou seja, escalas associadas a adjetivos como aberta são um contínuo de graus, são cumulativas. Uma porta aberta pode estar só minimamente aberta, e o grau de ABERTURA pode ir aumentando aos poucos; a porta pode já estar aberta e vir a ficar ainda mais aberta. Já uma porta que já está fechada não pode ficar ainda mais fechada, porque não há grau de ABERTURA abaixo de zero.

As escalas fechadas no grau máximo também não apresentam cumulatividade, por não haver grau acima do máximo. Se um copo de 200ml já contém 200 ml de suco, ele está cheio e não poderá ficar mais cheio, pois não cabe mais nada nele.

3. TODO NO DOMÍNIO FUNCIONAL DO ADJETIVO DE GRAU

Examinando todo, observamos que a sua distribuição não é igual à de outros MGs:

(9a) A montanha é muito / *toda alta. (ALTURA: escala aberta)

(9b) Eu estou muito / *todo cheio de tudo isso. (OCUPAÇÃO: escala fechada tanto no grau máximo quanto no mínimo)

(9c) Meu bolso está bastante / *todo vazio. (OCUPAÇÃO: escala fechada tanto no grau máximo quanto no mínimo)

(9d) Naquela hora, o bebê estava com a mão praticamente / *toda fechada. (ABERTURA: escala fechada apenas no grau mínimo)

(9d) A mente dela está bem / toda aberta. (ABERTURA: escala fechada no grau mínimo)

(9e) Estou super / *toda cansada. (CANSAÇÃO: escala aberta)

(9f) Essa colher está muito / toda suja. (LIMPEZA: escala fechada apenas no grau mínimo)

(9g) Essa colher está super / *toda limpa. (LIMPEZA: escala fechada no grau mínimo)

Para explicar a distribuição de todo MG, basta assumir que, como much, ele seleciona uma escala fechada no grau mínimo e a satura com o grau máximo, devolvendo uma escala totalmente fechada, contínua e preenchida. O argumento do SA de grau (AG) tem de prover uma dimensão que possa ser medida e mapeada a um grau máximo na escala. Isso significa que todo não se combina a AGs de escala aberta ou a AGs de escala fechada no grau máximo. Verifique-se que uma montanha alta não pode ficar no estado de ainda mais alta, o bolso vazio não pode ficar ainda mais vazio etc. Se o grau não pode aumentar, todo MG não se aplica. Já a colher suja pode estar ligeiramente suja, e mesmo assim dá para sujá-la mais. Mas uma colher toda suja não pode ficar ainda mais suja. Adjetivos

psicológicos, descritivos de estados emocionais, posturas ou atitudes, sempre aceitam intensificação por todo:

(10a) Ele foi muito / todo fofo comigo.

(10b) Essa menina é muito / toda sedutora.

(10c) Pedro é muito / todo saudável.

Isso ocorre porque representam uma escala fechada no grau mínimo. Alguém foi fofo desde que tenha sido minimamente fofo; mas se foi todo fofo, esse alguém nunca até então usou de mais fofura para comigo (10a). Para a menina ser sedutora, basta a sedução ser mínima; mas se ela foi toda sedutora, nunca antes exibiu um grau maior de sedução (10b). Pedro é saudável se parte de seus hábitos é saudável; mas se ele é todo saudável, ele não faz nada que prejudique sua saúde (10c). O padrão se mantém: todo toma uma escala com grau mínimo e a transforma numa escala fechada no grau máximo. Vamos delinear a sintaxe de todo MG:

(11) [_{DegP} [_{DegM} **todo**]_{Deg} [_{Deg} **d** [AP **triste** XP]]].

Nesse caso, o intensificador se combina com a escala de TRISTEZA (estado psicológico de certo indivíduo), que é uma escala fechada no grau mínimo, marcando aquele estado de tristeza a que a sentença se refere como o de mais alto grau. Sintaticamente, a escala corresponde à sequência que em (11) começa no nó da projeção intermediária de grau, contendo o seu núcleo, o operador não-pronunciado **d**, e terminando no nó que contém como núcleo o próximo item pronunciável, o adjetivo triste. Como o grau máximo é descarregado por todo sobre a escala correspondente à dimensão denotada pelo adjetivo, não pode ser desfeito o domínio imediato de todo sobre triste, isto é, triste não pode ser extraído nem item lexical algum pode intervir entre o SA e o MG.

Depois há o merge de outras categorias funcionais e lexicais, e os movimentos dos sintagmas nominais que se observa são independentemente motivados, pois ocorrem mesmo na ausência de MGs, derivando (12):

(12) [_{IP} [_{DP} o menino]_i [_{I'} está_k [_{VP} [_{VP} t_i [_{V'} t_k]]] [_{SC} [_{DP} *ec*]_i] [_{DegP} todo [_{Deg} d [_{AP} triste]]]]]]]]

A interpretação gerada para (12) é a de que o menino está maximamente triste. O sintagma de grau (DegP, em 12), é uma camada funcional projetada por uma expressão lexical de grau, o adjetivo triste. Mas, em (12), triste é também o predicador sentencial primário que selecionou o DP o menino como argumento. O predicador e a categoria vazia coindexada ao argumento “o menino” constituem uma Small Clause (SC); depois o verbo de ligação vem, e depois há movimentos do verbo para o núcleo do sintagma de flexão e do Sintagma Determinante para especificador de flexão.

Vale lembrar que todo MG não sai do lugar, apesar de concordar em gênero e número com o argumento nominal do AG:

(13) (*Todo) o menino (*todo) está todo triste.

Já explicamos por que: o sintagma correspondente à escala de TRISTEZA, sobre a qual o MG opera semanticamente, inclui um núcleo de grau não pronunciado (*d*), ensanduichado entre o item lexical correspondente ao MG e o item lexical correspondente ao núcleo do SA.

O tratamento que demos a todo MG em (12) não é surpreendente nem original; é amplamente assumido na literatura e vale para qualquer MG (não podem ser desfeitas as sequências muito triste, bastante triste, bem triste etc.). A proposta dá conta do comportamento sintático e semântico de todo MG. Na próxima seção, vamos experimentar tratar todo quantificador flutuante da mesma forma.

4. TODO Q-FLOAT

Não descartando a possibilidade de que versões sintáticas mais sofisticadas poderão ser desenvolvidas a partir dos embriões da nossa análise⁵, para os efeitos de nossa discussão, vamos atribuir a seguinte estrutura simplificada às sentenças:

(14) [_{IP} [_{DP} Os meninos]_i]_{I'}[[_I comeram]_v][_{VP} [_{t_i}]_v][_{VP} [_{t_v}] [_{DP} a pizza]]

Assumindo uma teoria de quantificação sentencial à moda de Partee (1995), temos que quantificadores universais, sejam adverbiais (A-quantifiers), como, por exemplo, sempre, ou nominais (D-quantifiers), como todo, repartem a sentença em duas seções: a restrição e o escopo nuclear do predicador. Eles agem, pois, sobre a predicação primária da sentença.

(15a) Sorvete é sempre gelado.

= [_{quantificador-A} sempre [_{restrição} se x é sorvete], então [_{escopo} x é gelado]]

(15b) Todo sorvete é gelado.

= [_{quantificador-A} (para) todo x [_{restrição} se x é sorvete], então [_{escopo} x é gelado]]

(15c) $\forall x$ [sorvete (x) ® gelado(x)]

Nessa teoria, A-quantificadores e D-quantificadores fazem a mesma operação de distribuição entre dois componentes sentenciais, ilustrada em (15c). O escopo nuclear é ocupado por um predicador sentencial primário, e a restrição, por um argumento selecionado por esse predicador. O quantificador (todo, sempre) estipula condições sobre como o argumento vai se relacionar com seu predicado.

Vamos levar essa visão às últimas consequências. Assumamos que essa quebra de sentença corresponda necessariamente a um nó sintático bifurcado em que ocorra a saturação de um predicador sentencial por seu argumento. Por exemplo, na sentença Os meninos comeram a pizza, há dois candidatos a essa junção: o nó VP, em que o verbo comer é saturado por seu argumento interno a pizza; num modelo como o de Kratzer, vP, em que o VP 'comer a pizza' se junta com o argumento externo os meninos⁶.

Realmente, são esses os dois pontos de inserção de todo na sentença:

5. Kratzer (1996) estabeleceu que o argumento interno é selecionado pelo verbo, mas que o argumento externo é selecionado por uma projeção funcional, um camada acima do verbo. No quadro da Morfologia Distribuída, o nó bifurcado em que o verbo faz merge com seu argumento, chamado de interno, é \sqrt{VP} ; e o vP é o nó bifurcado em que o argumento dito externo faz merge com o sintagma verbal que resulta do merge do argumento interno com o verbo.

6. Em nossa representação sintática, simplificada, o vP não foi sempre incluído.

(16a) Os meninos comeram toda a pizza.

(16b) [_{quantificador-A} (para) todo x [_{restrição} se x é pizza, então [_{escopo} os meninos comeram x]

(16c) $\forall x$ [parte-de-pizza (x) \rightarrow foi-comida-pelos-meninos(x)]

(17a) Todos os meninos comeram a pizza.

(17b) [_{quantificador-A} (para) todo x [_{restrição} se x é um dos meninos, então [_{escopo} x comeu a pizza]

(17c) $\forall x$ [parte-de-os-meninos (x) \rightarrow comeu-pizza(x)]

O que vemos acima são as duas fases distintas de predicação sentencial primária que ocorrem em sentenças com verbos biargumentais, como comer. Em (16), há o merge do argumento interno com o verbo; em (17), o merge do argumento externo com a camada funcional (por exemplo, no nó VoiceP) acima do sintagma contendo o verbo e seu argumento interno (“comer pizza”). Todo sempre maximiza o grau da extensão do argumento a que a predicação se aplica: essa é a fonte da sua propalada “distributividade”. Em (16), o efeito é o de que 100% dos componentes da i-soma a que os meninos se refere participaram no evento de comer; em (17), o efeito é o de que 100% dos componentes da i-soma a que a pizza se refere foram consumidos no evento de comer. Enfim, podemos analisar a relação de predicação como uma escala que meça, por exemplo, a participação do argumento no evento, marcando o grau de partes da extensão do argumento (no caso de uma descrição definida, o grau de integralidade dos componentes da i-soma) com essa participação, numa escala de zero a cem por cento. A verdade da sentença requer uma participação mínima da extensão do argumento na predicação: é uma escala fechada no grau mínimo. Todo modifica essa escala como um MG, marcando-a no grau máximo, retornando a ideia de que 100% da extensão do nominal em posição argumental participa do evento. O produto da modificação é uma escala fechada no grau máximo, daí a propalada ideia de que todo não admite exceções.

Propomos que uma relação de predicação sentencial primária também pode, como os adjetivos de grau, projetar uma camada funcional do tipo DegP, com um núcleo de grau, para marcar uma medida na escala de participação da extensão do argumento no predicador que o selecionou. Na nossa conta, o adjetivo relacional não teria mais exclusividade sobre a projeção de sintagmas de grau. Se assumirmos que todo sempre ocupa um sintagma de grau, já que ele sempre opera sobre escalas, seja a que marca em que medida a extensão de um argumento satura o predicado que o selecionou, seja a escala associada a um adjetivo de grau, só precisaremos introduzir um DegP justamente sobre o nó em que ocorre a predicação. Para obter a interpretação em (16c), primeiramente, temos apenas um DegP sobre o nó vP, que se bifurca em DP (SPEC) e v'; DegP corresponde ao quantificador, DP à restrição do quantificador e v' ao escopo nuclear, o que leva à seguinte configuração inicial:

(18) [_{DegP} todos [_{Deg'} *d* [_{vP} [_{DP} os meninos] _{v'} [_{vP} comer [_{DP} a pizza]]]]]]

A ideia é a de que todo seja gerado dominando o nó bifurcado em que o argumento os meninos satura o sintagma verbal ‘comer a pizza’. O verbo ainda precisa se mesclar com a flexão e o argumento externo ainda precisa subir para escopo da flexão para receber caso. Nesse movimento, ele pode carregar todo junto (por *piedpiping*), o que resultaria na configuração:

(19) $[_{IP} [_{DegP} \text{ todos } [_{Deg} d [_{DP} \text{ os meninos}]]] [_I \text{ comeram}_k [_{VP} t_i [_V t_k [_{DP} \text{ a pizza}]]]]]]]$

Depois disso, pode haver um segundo movimento, de toda a sentença, menos o MG, para a posição de tópico:

(20) $[_{TOP} [\text{os meninos comeram a pizza}]_j [_{IP} [_{DegP} \text{ todos } [_{Deg} d [t_j]]]]]$

A tendência atual do PB de pronunciar pronomes argumentais pode ter levado à versão Os meninos comeram a pizza todos eles, com eles necessariamente correferente a os meninos.

Também podemos ter o movimento do argumento externo sem o piedpiping do sintagma de grau, resultando nesta configuração:

(21) $[_{IP} [_{DP} \text{ os meninos}]_i [_I \text{ comeram}_k [_{VP} [_{DegP} \text{ todos } [_{Deg} d [_{DP} t_i]]] [_V t_k [_{DP} \text{ a pizza}]]]]]]]$

Nesse caminho, derivamos as posições possíveis do chamado quantificador distributivo universal flutuante do PB; mas não é ele que se move; a não ser no caso em que é arrastado pelo argumento externo em seu movimento para a posição de sujeito sentencial, o material que se move não é o todo, mas o resto; e os movimentos ocorrem pelas mesmas razões observadas nas sentenças sem todo: para caso, quando são movimentos A, ou para topicalização etc.

Vejamos agora como derivar a outra possível inserção de todo, sobre o nó VP. De início, o sintagma de grau seria projetado pela relação predicativa contida no nó em que o argumento interno se funde com o predicador verbal:

(22) $[_{DegP} \text{ todo } [_{Deg} d [_{VP} [_V \text{ comer } [_{DP} \text{ a pizza}]]]]]]]$

Nesse caso, com os movimentos necessários à derivação da sentença, teríamos:

(23) $[_{IP} [_{DP} \text{ os meninos}]_i [_I \text{ comeram}_k [_{VP} t_i [_V t_k [_{DegP} \text{ toda } [_{Deg} d [_{DP} \text{ a pizza}]]]]]]]]]]]$

Pode haver ainda um movimento não obrigatório, com o argumento interno acompanhando o verbo até seu primeiro pouso:

(24) $[_{VP} [\text{comer a pizza}]_{v+DP}] [_{DegP} \text{ toda } [_{Deg} d [_{VP} [t_{v+DP}]]]]]$

Nesse caso, como o argumento interno não pode ultrapassar a barreira de vP (podemos pensar que são fases diferentes), o próximo movimento cíclico do verbo, para mesclar-se à flexão, deixará o argumento interno ali mesmo, na vizinhança da posição intermediária do verbo:

(25) $[_{IP} [_{DP} \text{ Os meninos}]_i [_I \text{ comeram}_v [_{VP} t_i v'_{VP} [t_v \text{ DP a pizza}]_{v+DP}] [_{DegP} \text{ toda } [_{Deg} d [_{VP} [t_{v+DP}]]]]]]]$

Sugerimos assim como podem ser derivadas as ordens observáveis para todo flutuante. Vale salientar que, por essa análise, todo não é um quantificador-D, pois não seleciona categorialmente um argumento nominal, mas um nó de saturação sentencial de predicação. Todo está sempre no especificador de um sintagma de grau, quer seja “intensificador” quer seja o “quantificador flutuante”. Assim parece possível unificarmos a análise de todo. O núcleo de um sintagma de grau sempre seleciona como

complemento uma expressão de grau. Nisso todo se distingue de A-quantificadores como sempre, que podem modificar nós bifurcados que não correspondam a uma expressão de grau. Todo é um operador sentencial, que atua sobre relações predicativas, sempre marcando o grau máximo numa escala. O sintagma de grau contendo todo sempre tem por complemento um nó bifurcado que seja uma relação, o lugar onde se dá, na estrutura, de saturação de um predicador por seu argumento.

Estamos afirmando que os sintagmas que se movimentam em sentenças com todo se movimentam em sentenças sem todo, e o movimento é motivado por razões independentes de todo. No plano semântico, a distributividade associada a todo também existe independentemente, como produto da saturação de um predicador por seu argumento: a verdade de qualquer proposição requer que a predicação recaia sobre a extensão de seu argumento num grau positivo qualquer (ou seja, a verdade de uma predicação requer que o grau marcado na escala de participação seja diferente de zero). A universalidade associada a todo é o produto da alteração dessa escala, até aí fechada no grau mínimo, que já é distributiva, para uma escala fechada também no grau máximo, por conta do MG.

A interpretação de sentenças com todo quantificador universal distributivo respalda essa análise. Os meninos comem pizza será verdadeiro ainda que nem todos a tenham comido; na mesma situação, mesmo que sobrem pedaços de pizza, será verdadeiro que os meninos comem a pizza. Já todos os meninos comem a pizza (e suas variantes: os meninos todos... os meninos comem todos a pizza etc.) só será verdadeira se a predicação recair sobre o grau máximo da extensão do argumento, ou seja, se cada menino comer a pizza. Assim como a verdade de os meninos comem toda a pizza (e sua variante, os meninos comem a pizza toda) exige que cada parte da pizza seja consumida no evento.

Como se vê, a saturação do predicador por um argumento exige que um grau mínimo da extensão do argumento participe da predicação, ou, para dizer a mesma coisa inversamente, a distribuição da predicação pela extensão no argumento é de grau mínimo. Se houver uma parte do argumento que participe do predicado, a sentença será verdadeira. Somente se não houver nenhuma participação do argumento na predicação, a sentença será falsa. O que todo faz é exigir, para a verdade da sentença, que esse grau de participação, em vez de mínimo, seja máximo.

Acontece a mesma coisa entre um argumento de adjetivo de grau e seu predicado: para ser verdade que o menino está triste, basta que ele esteja minimamente triste; mas, se o menino está todo triste, ele nunca esteve mais triste: ele está no maior estado de tristeza que já se viu. Se o vestido está sujo, pode estar só um pouquinho sujo; mas se o vestido está todo sujo, está maximamente sujo. A relação de grau sobre a qual todo opera, que é sempre a saturação de um predicador pelo seu argumento, é uma relação cumulativa, que leva em conta a participação integral da soma das partes da extensão do argumento ou maximiza o grau de dimensões correspondentes a escalas fechadas no grau mínimo, as quais, após a operação de todo, terminarão fechadas no seu grau máximo.

5. TUDO SEM FLUTUAÇÃO

Já que se trata de defender que todo é sempre inserido dentro de uma projeção de grau que tem como complemento um nó bifurcado predicacional, a rigor todo nunca flutua: o que se observa é que, se o argumento da relação de predicação sentencial primária (que é o complemento do sintagma de grau do qual todo é o especificador) for um sintagma de determinante, esse nominal terá a mobilidade associada às posições argumentais preenchidas por expressões com denotações ancoradas no tempo e no espaço. A ideia de que all formava um constituinte com o sujeito sentencial (Sportiche) bem pode

ter sido uma ilusão forjada pela proximidade entre o MG e um dos ramos do nó bifurcado, bem como na possibilidade de arrastamento de all quando o Sintagma Determinante se move para a posição de sujeito sentencial; afinal, o nó bifurcado em que ocorre a saturação pelo argumento externo (que se tornará o sujeito sentencial) do sintagma formado pelo predicador junto com seu argumento interno é uma das relações que pode projetar a camada funcional do sintagma de grau que abriga all/ todo.

O que defendemos é que todo nunca se move sozinho (o que está de acordo com a intuição que baseia a teoria do encalhe, para quantificadores flutuantes). Se não tomar carona em sintagmas nominais que se movam (por razões independentes), todo não se mexe. Trata-se do especificador de uma projeção funcional, que não precisa checar traço algum. Todo nunca se move porque o grau máximo é marcado em estrita proximidade com o nó bifurcado que denota a escala.

A “imobilidade” observada em todo intensificador é fruto do fato de o sintagma de grau de que o MG é o especificador ser uma camada funcional do adjetivo de grau que o projetou. A relação correspondente à escala é o grau da propriedade denotada por esse adjetivo. Daí não poder haver separação entre todo MG e *d* mais o adjetivo de grau, no momento da marcação da escala com grau máximo. Ocorre que o adjetivo jamais se move, com ou sem todo na sentença. Daí a aparente fixidez de todo. Não há um todo fixo e outro que se mexe: é o sintagma adjetival que não se move, já que não tem traços phi para checar, enquanto uma descrição definida em posição argumental move-se na sentença.

A imobilidade do intensificador também é observada no quantificador universal distributivo: não há “flutuação” quando o sintagma nominal é nu. Em decorrência da análise de todo como um MG ocupando o especificador de um sintagma de grau projetado por uma relação predicativa, teríamos basicamente sempre a mesma estrutura inicial (26a); a derivação é sugerida na sequência abaixo.

(26) Toda laranja é redonda.

(26a) $[_{VP}[_{VP}[_{NP} \text{laranja}_i] [_V, \text{ser}]][_{SC} [_{DegP} \text{toda} [_{Deg'} d [_{DP} [_D, \text{ec}_i]]]]] [_{AP} \text{redonda}]]]$

(26b) $[_{VP}[_{VP} [_{DegP} \text{toda}_m [_{Deg'} d [_{NP} \text{laranja}_i]]] [_V, \text{ser}]][_{SC} [_{DegP} \text{t}_m [_{Deg'} d [_{DP} [_D, \text{ec}_i]]]]] [_{AP} \text{redonda}]]]$

(26c) $[_{IP} [_{toda \text{ laranja}}]_z [_I' \acute{e}_k [_{VP}[_{VP} [t_z] [_V, t_k]]] [_{SC} [_{DegP} \text{t}_m [_{Deg'} d [_{DP} [_D, \text{ec}_i]]]]] [_{AP} \text{redonda}]]]]]$

Exatamente porque a “ligação” entre todo e a escala que o MG satura no grau máximo é mediada pelo operador não-pronunciado que ocupar o núcleo da posição de grau é que, quando o primeiro elemento seguinte a todo, o nome nu, que é o argumento do adjetivo na Small Clause, se move para atender ao princípio de que toda sentença precisa ter sujeito, todo é arrastado com ele, derivando a única posição possível na forma superficial da sentença (26c). O operador *d* está ensanduichado entre dois itens lexicais, o especificador do Sintagma de Grau e o item lexical pronunciado que abre o nó bifurcado, ocupando seu complemento. Para satisfazer a necessidade de ocupar a posição de sujeito sentencial, o SN é obrigado a se mover, sem desmanchar esse sanduíche, isto é, dado o caráter local da marcação de grau, todo e *d* precisam mover-se junto com o nome nu. Mesmo na ausência de todo (em Laranja é redonda), o nome nu precisa sair de dentro da Small Clause para atender ao princípio de que toda sentença precisa ter sujeito. Por isso não temos a ordem *‘é redonda laranja’. Ao se mover, o NP leva consigo, por *piedpiping*, todo e *d*. Nada mais se move na sentença; daí todo não poder ocupar outras posições na ordem linear. Em PB, só sintagmas de determinante podem ir acima de IP; NPs não podem.

Em outras palavras, se não temos a sentença ‘laranja é toda redonda’ é porque não se pode desfazer a sequência toda d laranja, dado o fato de laranja ser o primeiro elemento pronunciado no constituinte que serve de complemento à projeção de grau da qual toda é o especificador. O nó predicacional (SC) denota uma relação predicativa de grau, motivo pelo qual ativou uma camada funcional, a projeção de grau, cujo núcleo é d, e de que todo é o especificador. Para modificar o grau dessa relação, saturando no grau máximo uma escala que já estava fechada no grau mínimo (toda predicação é uma escala fechada no grau mínimo, já que se o atributo não coubesse minimamente ao argumento, a proposição não poderia ser verdadeira), o MG tem de dominar imediatamente o núcleo de grau, pois, assumindo Grosu & Landman (1998), a marcação de grau máximo requer adjacência estrita. Esse núcleo de grau, não pronunciado, é uma camada funcional da SC. Em termos de pronúncia, o próximo item a entrar na ordem linear depois de toda é o primeiro constituinte interno da SC, laranja. A sequência mínima que precisa ser mantida para que essa adjacência estrita não seja desfeita é, portanto, um sanduíche de dois itens lexicais, pronunciados, do qual o item funcional d é o recheio: toda d laranja. O único modo de não violar a necessidade de manter a adjacência estrita entre o MG e o nó predicativo que denota a relação de grau enquanto se satisfaz a necessidade de laranja se mover para ocupar o lugar de sujeito da sentença é movendo, em conjunto, o MG e o primeiro item pronunciável da SC: toda d laranja. Toda não poderia ficar junto de redonda, pois foi a SC laranja redonda, e não seu constituinte interno, o adjetivo redonda, quem projetou a camada funcional de grau que aloja toda. A extração do primeiro constituinte da SC, ilustrada em (27), é agramatical por desfazer a localidade estrita entre o MG e o primeiro item pronunciado da expressão lexical de grau que projetou a DegP.

A ordem todo d redonda (27) não é possível porque ‘redonda’, um adjetivo sem grau, não acionou a projeção do sintagma de grau; foi a relação predicativa estabelecida pela Small Clause quem projetou essa camada funcional. Mas podemos ter uma sentença como (28), porque o adjetivo de grau ‘simpática’ projeta essa estrutura funcional:

(27) * $[_{IP} [_{NP} \text{laranja}]_i [_I' \acute{e}_k [_{VP} [_{VP} t_i [_V' t_k]]] [_{SC} [_{DegP} \text{toda} [_{Deg} d [_{DP} [_D' ec_i]]]]] [_{AP} \text{redonda}]]]]]]]$

(28) $[_{IP} [_{NP} \text{Maria}]_i [_I' \acute{e}_k [_{VP} [_{VP} t_i [_V' t_k]]] [_{SC} [_{DP} ec_i] [_{DegP} \text{toda} [_{Deg} d [_{AP} \text{simpática}]]]]]]]]]$

Vemos em (28) que o argumento da Small Clause (Maria) continua se movendo para especificador de IP para satisfazer EPP. Mas agora o adjetivo de grau denota a propriedade da escala relacional que o MG modifica. Para que o grau máximo seja marcado nessa relação, d precisa ser ensanduichado entre todo e simpática. A ordem *‘É toda Maria simpática’ não é permitida; defendemos que tal agramaticalidade se deve ao fato de que nada pode intervir entre o MG e o primeiro nó lexicalmente preenchido da escala que ele modifica.

Em suma, somente sintagmas de determinante definidos tem autonomia para serem extraídos de dentro de um sintagma de grau. A configuração obtida por piedpiping (26) é a única possível em sentenças com um nome nu como argumento, se o predicador não for um adjetivo de grau.⁷

7. Estamos assumindo que temos em português João comprou maçã, mas não *João comprou toda maçã porque o NP em posição de objeto de episódicas é um caso de incorporação (comprar-maçã é uma atividade); a incorporação não permite elementos intervenientes.

6. **TODO: Q-FLOAT OU INTENSIFICADOR? DEPENDE DA NATUREZA LEXICAL DO NÓ BIFURCADO QUE PROJETOU O SINTAGMA DE GRAU.**

Vamos agora examinar as determinações estruturais para a ambiguidade de orações como os meninos estão todos tristes, que tanto podem ser interpretadas como afirmando que a totalidade dos meninos está no estado de triste, ainda que o grau de tristeza não seja alto; quanto podem ser interpretadas como uma afirmação sobre o grau da tristeza dos meninos ser máximo, ainda que isso não se aplique a absolutamente cada menino do grupo, com espaço para alguma exceção. Numa leitura, o DegP nasce tomando como complemento o adjetivo de grau triste, que, como vimos, é relacional.

(27) $[_{DegP} \text{ todos } [_{Deg} d [_{AP} \text{ tristes } XP]]]$

Nesse caso, o intensificador se combina com escala de TRISTEZA (estado psicológico de certo indivíduo), que é uma escala fechada no grau mínimo, marcando aquele estado de tristeza a que a sentença se refere como o de mais alto grau. Como o grau máximo é descarregado por todo sobre a escala correspondente à dimensão denotada pelo adjetivo, não pode ser desfeito o domínio imediato de todo sobre triste; isto é, nem triste pode ser extraído do sintagma de grau, nem item lexical algum pode intervir entre o especificador de DegP e AP. A formação todo d tristes não pode ser desmanchada. Depois há o merge das outras categorias funcionais e lexicais, e os movimentos normalmente motivados dos sintagmas nominais, derivando (28).

(28) $[_{IP} [_{DP} \text{ os meninos}]_i [_I' \text{ estão}_k [_{VP} [_{VP} t_i [_{V'} t_k]]] [_{SC} [_{DP} \text{ ec}_i] [_{DegP} \text{ todos } [_{Deg} d [_{AP} \text{ tristes}]]]]]]]]]$

A interpretação gerada é a de que o grupo dos meninos está maximamente triste.

Além da escala fechada no grau mínimo, que é cumulativa, uma extensão delimitada com partes, há outra relação cumulativa nessa sentença sobre a qual todo pode incidir, que é o grau de extensão do argumento participando da predicação sentencial primária. Nesse caso, é preciso que a predicação possa ser verdadeira das partes da soma máxima denotada pelo argumento. A característica dessa interpretação é a “flutuação” de todo. Uma versão singular dessa sentença não seria gramatical (*‘Todo o menino está triste’), porque as partes constituintes (pernas, braços, pé de um menino etc.) não são entidades com estado de espírito ou psicologia e não podem sentir tristeza isoladamente, não sendo, portanto, argumentos que atendam à seleção semântica (s-seleção) do predicador, o adjetivo triste. Mas, pluralizando o DP, temos uma i-soma cujos componentes são meninos, e cada um isoladamente tem capacidade para sentimentos, atendendo à s-seleção do predicador. Agora o nó projetor do sintagma de grau é a relação de predicação primária da sentença, o nó da Small Clause:

(29) $[_{DegP} \text{ todos } [_{Deg} d [_{SC} [_{DP} \text{ os meninos}] [_{AP} \text{ tristes}]]]$

Ora, a Small Clause é um nó bifurcado composto pelos itens lexicais os meninos e tristes. O ramo mais próximo do MG, o que manterá o sanduíche MG d SC, é o DP. Logo, quando o DP se move para satisfazer EPP, pode carregar consigo o MG, produzindo (30):

(30) $[_{IP} [todos d os meninos]_z [_I' \text{ estão}_k [_{VP} [_{VP} [t_z] [_{V'} t_k]]] [_{SC} [_{DegP} t_{todos} [_{Deg} d [_{DP} [_{D'} \text{ ec}_i]]]]] [_{AP} \text{ tristes}]]]]]]]$

A interpretação de (30) é a de que a integralidade do grupo de meninos está triste. Em (30), ainda temos *d* ensanduichado entre o MG e uma parte da SC. Se não houver o piedpiping, o DP vai se movendo sozinho para satisfazer EPP, e teremos (28), aqui repetido como (31):

(31) [_{IP} [_{DP} os meninos]_i [_{I'} estão_k [_{VP} [_{VP} t_i [_{V'} t_k]]] [_{SC} [_{DP} ec_i] [_{DegP} todos [_{Deg'} d [_{AP} tristes]]]]]]]]]

Porém, agora, a localidade que não pode ser rompida está entre o MG e a Small Clause (o nó bifurcado em que o argumento satura o predicado). Por isso a ordem “Todos *d* os meninos estão tristes” (30) também é boa: tanto o DP os meninos quanto o adjetivo de grau tristes são ramos do nó que fornece a escala do grau de predicação.

A adjacência estrita a ser respeitada é sempre entre o MG e o sintagma contendo itens lexicais cuja camada funcional é o sintagma de grau. Na interpretação de que o grau da tristeza é alto, o adjetivo de grau projeta o sintagma de grau, e a adjacência entre especificador de DegP e AP não pode ser rompida. Mas na interpretação de que cada componente do grupo dos meninos ficou triste, é a predicação sentencial primária que tem grau, o que aponta a Small Clause como a camada lexical que projeta o sintagma de grau, e a adjacência que não pode ser rompida agora é a que existe entre o MP e SC. Diversas configurações, além de (28) (por exemplo, a dada em 30), mantêm essa adjacência.

A interpretação das sentenças com o que a literatura assume como sendo do quantificador flutuante é a de que cada menino daquele grupo estava triste, ainda que minimamente triste. Porém a configuração em (28) permite tanto essa leitura quanto a de que o grupo de meninos está maximamente triste, conhecida na literatura como a de intensificação. Propomos que é possível atribuir ambas as interpretações de uma mesma estrutura, considerando que o material lexical presente no nó SC compreende o DP (o argumento da relação predicativa) e o adjetivo (o predicador primário), e que após a saturação do predicador pelo argumento e a marcação do grau máximo sobre essa predicação o DP se mova para a posição de sujeito sentencial. A proximidade entre o adjetivo de grau e sua camada funcional está respeitada, já que não há nenhum item lexical entre todos e tristes, permitindo a interpretação de intensificação. Ocorre de essa configuração ser uma das que preserva também a adjacência estrita entre SC e o MG (não havendo material pronunciável entre todo e triste, que é um dos componentes irmãos da SC, nada intervém entre o sintagma de grau e o nó bifurcado que o projetou), permitindo a leitura em que 100% da extensão do argumento participa da predicação.

Por haver outras configurações, além dessa, que preservam essa adjacência estrita entre SC e todo, (28) não é a única ordem superficial associada à interpretação “distributiva”.

O que decide se a interpretação que o ouvinte fará de (28) será de ‘intensificador’ ou de “Q-float” é o escopo que ele dará a todo: se for assumido que o sintagma lexical que projetou a camada funcional alojando todo é o Sintagma Adjetival, a leitura é de intensificação; porém, se for assumido que o sintagma lexical que projetou o sintagma de grau de que todo é especificador é a Small Clause, a leitura gerada será de distribuição.

Há muitos detalhes por definir, mas esperamos ter mostrado aqui a viabilidade de uma análise unificadora de todo MG e Q-Float. A proposta concilia intuições das diversas correntes teóricas que dividiam os pesquisadores, em função da proximidade de all/todo tanto com sintagmas argumentais, o que estimulou o tratamento quantificacional, quanto com sintagmas não-argumentais, como adjetivos de grau. Se todo ocupa a posição de especificador numa camada funcional projetada por uma camada lexical que é sempre um nó bifurcado, contendo um predicador e o argumento que ele seleciona, essa oscilação ganha explicação.

Assumir que todo é um modificador de grau, marcando o grau máximo numa escala já fechada no grau mínimo, permite a todo tanto modificar a relação entre expressões de grau com esse tipo de

semântica, como é o caso de adjetivos de grau como ‘triste’ e de relações primárias de predicação, como modificar as concatenações entre o adjetivo e seu argumento (Small Clause), o verbo e seu argumento interno (VP) e VP e seu argumento externo (vP).

A proposta reforça a posição de Kratzer (2005), de que all e seus correspondentes nas línguas naturais são modificadores (ajustadores de relações de predicação), embora aparentem ser determinantes.

FLOATING QUANTIFIER OR INTENSIFIER? A UNIFIED ANALYSIS OF TODO IN BRAZILIAN PORTUGUESE

ABSTRACT

Todo (PB) is sometimes analyzed as a universal distributive quantifier, sometimes as a floating quantifier, and other times as an intensifier. We look for a unified syntax and semantics: sitting in the specifier of a degree phrase, todo immediately dominates a branched node with an argument and a predicate. Todo takes such a relation to a maximum degree. Todo is not inside a nominal phrase (contra Sportiche 1988) Todo is not an adjunct (contra Bobaljik 1998). It does not float. Todo is a modifier disguised as a determiner (cf. Kratzer 2004), which seems to be exercising many unconnected functions.

KEY-WORDS: A-quantification; D-quantification; floating quantifiers; intensifiers; todo (BrP)

REFERÊNCIAS

Abney, S. P. (1987). *The English noun phrase in its sentential aspect*. PhD Thesis, Massachusetts Inst. of Technology, Cambridge, Mass.

Baltin, Mark R. (1995). Floating quantifiers, PRO and predication. *Linguistic Inquiry* 26: 199-248.

Bobaljik, Jonathan David. (1995). *Morphosyntax: the syntax of verbal inflection*. Ph.D. Dissertation, MIT, Cambridge, Mass.

Bobaljik, Jonathan David (1998) Floating Quantifiers: Handle With Care. *Glott International* 3: 3-10.

Bosković, Ž. (2004) Be careful where you float your quantifiers. *Natural Language & Linguistic Theory*, 22, p. 681-742.

Brisson, Christine. *Distributivity, maximality, and floating quantifiers*. Thesis (Ph.D.) – Rutgers University, New Brunswick, NJ, EUA. 1998.

Cirillo, Robert J. (2009). *The syntax of floating quantifiers: stranding revisited*. PhD thesis. LOT: Utrecht

Corver, Norbert. 1997. “Much-support as Last Resort”. *Linguistic Inquiry* 28. 1, 119-64.

- Doetjes, J. (1997). *Quantifiers and selection: on the distribution of quantifying expressions in French, Dutch and English*, vol. 32 of HIL Dissertations. The Hague: Holland Academic Graphics.
- Dowty, David R. (1986). Collective predicates, distributive predicates, and all. In: F. Marshall, A. Miller and Z.-S. Zhang (eds.), *Proceedings of ESCOL 3*, 97-115. Ohio: Ohio State University.
- Grosu, Alexander & Fred Landman. (1998). 'Strange relatives of the third kind,' in: *Natural Language Semantics* 6, pp. 125-170.
- Heim, Irene. (2001). Degree Operators and Scope. In: C. Féry & W. Sternefeld (eds.) *Audiatur Vox Sapientiae. A Festschrift for Arnim von Stechow*, Berlin: Akademie Verlag, pp. 214-239.
- Kennedy, Chris. (1999) *Projecting the adjective: The syntax and semantics of gradability and comparison*, Garland Press, New York. (1997 UCSC Ph.D. thesis)
- Kratzer, A. (1996). "Severing the external argument from its verb." In J. Rooryck and L. Zaring, eds., *Phrase structure and the lexicon*, Dordrecht: Kluwer Academic Publishers, 109-137.
- Kratzer, Angelika. Indefinites and the Operators they Depend on: From Japanese to Salish. In G. N. Carlson & F.J. Pelletier (eds.): *Reference and Quantification: The Partee Effect*. Stanford (CSLI Publications). 2005, 113- 142.
- Kennedy, C. & McNally, L. (2005) Scale structure, degree modification, and the semantics of gradable predicates. *Language* 81, p. 345-381.
- Koopman, H. and D. Sportiche. (1991). The position of subjects. *Lingua* 85, 211-258
- Fitzpatrick, J. M. (2006) *The syntactic and semantics roots of floating quantification*. PhD dissertation, MIT, 2006.
- Lacerda Ferreira, Renato César. (2012). Quantificadores flutuantes no português brasileiro. Dissertação (Mestrado em Linguística) - Universidade de São Paulo.
- Link, G. (1983). The Logical Analysis of Plurals and Mass Terms (A Lattice-Theoretical Approach). In: Bauerle, Schwarz; Stechow, Von. (Orgs.). *Meaning, Use and Interpretation of Language*, Walter de Gruyter, Berlin, p. 302-323.
- Müller, Ana. (2001). Genericity and the denotation of common nouns in Brazilian Portuguese. In: Weeler, Adam; Kim, Ji-Young (Eds.). *The Semantics of Under-Represented languages in the America*. U. Mass. *Occasional Papers*, Amherst, USA., n. 25, p. 72-80.
- Negrão, E. V. (2002). Distributividade e Genericidade nos sintagmas introduzidos por CADA e TODO. *Revista do GEL*, São Paulo, v. 1, n.n.especial, p. 187-205.
- Partee, B. H. (1995). Quantificational Structures and Compositionality. In E. Bach, E. Jelinek, A. Kratzer, and B. H. Partee (eds.) *Quantification in Natural Language*. Volume II. Dordrecht: Kluwer, 541-601.

Pires de Oliveira, Roberta. (2003). O menino tá todo triste: uma reflexão sobre a quantificação universal no PB. *Revista Letras*, Curitiba, n. 61, especial, Editora UFPR, p. 191-210.

Quadros Gomes, Ana Paula; Müller, Ana Lúcia de Paula; Negrão, E. V. (2007). todo em contextos coletivos e distributivos. *DELTA*. Documentação de Estudos em Linguística Teórica e Aplicada (PUCSP. Impresso), v. 23, p. 71-95.

Quadros Gomes, Ana. (2009). *O efeito grau máximo sobre os domínios: como todo modifica a relação argumento-predicado*. Tese de Doutorado, Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo.

Quadro Gomes, A. (2011). The Structure of Gradable Adjectives in Brazilian Portuguese. In: LIMA, S. (Ed.) *Proceedings of Sula V: Semantics of Under-Represented Languages in the Americas*. UMOP 41. Amherst, South College University of Massachusetts, p. 49-66.

Rickford, John, Isabelle Buchstaller, Thomas Wasow, Arnold Zwicky, and Elizabeth Traugott. (2007). Intensive and quotative all: something old, something new. *American Speech* 82(1).3– 31.

Sportiche, D. (1988). A theory of floating quantifiers and its corollaries for constituent structure. *Linguistic Inquiry*, 19.3, p. 425-449.

Shlonsky, U. (1991). Quantifiers as Functional Heads: a Study of Quantifier Float in Hebrew. *Lingua*, n. 84, p. 159-180.

Vicente, H. G. (2006). *O quantificador flutuante todos no português brasileiro e no inglês: uma abordagem gerativa*. Tese de doutorado. Universidade de Brasília.

Viotti, E.; Müller, A. (2003). O comportamento sintático e semântico dos sujeitos indefinidos no português brasileiro. *Revista Letras*, Curitiba: Editora UFPR, n. 60, p. 435-453, jul./dez.